

## **O papel do jornalismo ambiental independente na cobertura de desastres voltada a comunidades tradicionais<sup>1</sup>**

Isadora Pellegrini Marques<sup>2</sup>  
Universidad de la República (Uruguay) - UdelaR

### **Resumo**

As enchentes de 2024 tiveram início em maio com chuvas torrenciais na região do Vale do Taquari e se estenderam por toda a Bacia do Guaíba. O ocorrido está fortemente relacionado com o aquecimento global e a falta de políticas de infraestrutura que previna alagamentos nas cidades (Seganfredo, 2024). A cobertura jornalística hegemônica concentrou esforços em narrar os eventos especialmente na capital e sem um grande foco para as perdas ocorridas em territórios de comunidades tradicionais. Já o jornalismo ambiental independente pôde ser mais plural e comprometido com a mudança de pensamento (Loose e Girardi, 2017). Assim, este trabalho busca, a partir de uma revisão bibliográfica e de um mapeamento de notícias, compreender o papel do jornalismo independente voltado para o meio ambiente, e mais especificamente, para as catástrofes climáticas.

**Palavra-chave:** jornalismo ambiental; jornalismo independente; jornalismo convencional; comunidades tradicionais.

Este trabalho objetiva, a partir de uma breve revisão bibliográfica e de um mapeamento de notícias, compreender as especificidades do jornalismo voltado para as catástrofes ambientais e às comunidades tradicionais. Entende-se que o jornalismo convencional é insuficiente e que existem muitas particularidades na cobertura voltada para as comunidades tradicionais e como elas são impactadas no contexto da crise ambiental que assola o planeta.

Dessa forma, para este estudo, foi realizado um mapeamento das matérias jornalísticas que abordam o impacto da crise ambiental para as comunidades tradicionais no Rio Grande do Sul publicadas em maio de 2024, período compreendido pela maior ocorrência de enchentes no estado e o mês de maior atenção da mídia para a crise climática. Foram utilizadas as palavras-chave “enchentes”, “Rio Grande do Sul”, “crise ambiental”, “comunidades tradicionais”, “indígenas” e “quilombolas”.

A partir desse mapeamento, no qual foram coletadas 22 matérias, percebeu-se que no jornalismo convencional há uma lacuna na cobertura dos impactos da crise

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação, Divulgação Científica, Saúde e Meio Ambiente do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidad de la República (Uruguay). Bacharela em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Maria - UFSM. E-mail: isadora.pellegrini18@gmail.com.

ambiental em comunidades tradicionais do Rio Grande do Sul (4/22) e, mais especificamente, na região metropolitana de Porto Alegre. Enquanto isso, o jornalismo independente, na forma de uma série de veículos, produziu uma quantidade relativamente significativa de matérias sobre o tema (18/22).

Além disso, as matérias produzidas por veículos convencionais centram-se em aspectos mais rasos, não dando tanta contextualização social e cultural, enquanto as reportagens e notícias de veículos independentes buscam um maior panorama das problemáticas. Loose e Girardi (2017) destacam que o JA deve comprometer-se com a mudança de paradigmas a partir de informações qualificadas.

O comprometimento com a informação de qualidade está intimamente relacionado com a responsabilidade de o jornalista desempenhar sua função social de esclarecer e modificar o pensamento hegemônico que percebe o meio ambiente sobretudo como recurso a ser capitalizado. (Loose e Girardi, 2017, p. 167)

De acordo com dados do Ministério do Meio Ambiente e Mudança do Clima [s.d.], o Estado brasileiro reconhece 28 comunidades tradicionais no território do país. Na região metropolitana de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, são reconhecidas as comunidades indígenas, quilombolas, de terreiro, de pescadores artesanais, ribeirinhas, caboclas, benzedeiras e ciganas.

Grzebieluka (2012) entende que as comunidades tradicionais têm um modo de vida singular por conta da sua interdependência com a natureza e são as mais afetadas pela crise climática. Mesmo sofrendo graves impactos, esse tipo de acontecimento não é amplamente noticiado na grande mídia. Loose e Girardi (2017) pontuam que a pluralidade de vozes é ausente nas notícias sobre mudanças climáticas.

O jornalismo hegemônico induz a população a adotar uma perspectiva única e excludente. Miguel e Biroli (2010, p. 72) afirmam que, em oposição aos contra-discursos, “os discursos hegemônicos são reproduzidos como portadores de valores 'universais'. Assim, o jornalismo independente surge como alternativa fundamental para romper com essa lógica excludente ao valorizar vozes marginalizadas e promover a diversidade de narrativas.

O Jornalismo Ambiental (JA), conforme propõem Loose e Girardi (2021), introduz novas lentes à prática jornalística para observar as relações entre sociedade e

natureza. As autoras defendem que o JA precisa incorporar o pluralismo e a diversidade em sua construção, considerando a complexidade das questões ambientais. Elas ressaltam que o JA deve assumir o compromisso com a transformação de paradigmas por meio da oferta de informações qualificadas. Quando interpretados criticamente pelo leitor, esses dados têm o potencial de promover a emancipação e impulsionar a mobilização cidadã.

## Referências

GRZEBIELUKA, Douglas. **POR UMA TIPOLOGIA DAS COMUNIDADES TRADICIONAIS BRASILEIRAS.** n. 1, p. 116–137, 2012. Disponível em: <<https://pdfs.semanticscholar.org/895e/fea3e9ec07b2994500c1f5f0e334db5ef044.pdf>>.

LOOSE, E.; GIRARDI, M. **O Jornalismo Ambiental sob a ótica dos riscos climáticos.** INTERIN, v. 22, n. 2, jul./dez. 2017.

LOOSE, E.; GIRARDI, M. **Interfaces entre o debate colonial e os estudos de jornalismo ambiental.** Ufrgs.br, 2021. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/255591>>.

MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flávia. **A produção da imparcialidade: a construção do discurso universal a partir da perspectiva jornalística.** Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, v. 25, n. 73, p. 59-76, 2010.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE E MUDANÇA DO CLIMA (Brasil). **Povos e comunidades tradicionais.** Brasília: MMA, [s.d.]. Disponível em: <https://www.gov.br/mma/pt-br/assuntos/povos-e-comunidades-tradicionais>. Acesso em: 9 jun. 2025.

SEGANFREDO, Thais. **Enchente já atinge pelo menos 9 bens culturais históricos no Rio Grande do Sul.** Nonada Jornalismo. 2024. Disponível em: <<https://www.nonada.com.br/2024/05/enchente-ja-atinge-pelo-menos-10-bens-culturais-historicos-no-rio-grande-do-sul/>>.

SEGANFREDO, Thais. **Famílias desalojadas, terreiros e quilombos alagados: comunidades tradicionais sofrem com enchentes no RS.** Nonada Jornalismo. Nonada Jornalismo. 2024. Disponível em: <<https://www.nonada.com.br/2024/05/familias-desalojadas-terreiros-e-quilombos-alagados-com-unidades-tradicionais-sofrem-com-enchentes-no-rs/>>.